

O PÉ ESQUERDO DE VICTOR: A BEATIFICAÇÃO DE UM JOGADOR ATRAVÉS DAS CRÔNICAS

VICTOR'S LEFT FOOT: A PLAYER'S BEATIFICATION THROUGH CHRONICLES

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad

RESUMO: Este artigo trata das crônicas de futebol escritas após a defesa de pênalti do goleiro, do Clube Atlético Mineiro, Victor, em partida contra o Tijuana durante a Copa Libertadores da América 2013, dando ênfase a textos divulgados em ambientes alternativos ao da grande imprensa. Nessas crônicas é possível perceber os processos pelos quais é feita a construção do jogador que passa a ser herói e santo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Victor; goleiro; tragédia; crônica (esportiva); herói.

ABSTRACT: This present paper is about the chronicles written after the goalkeeper, of Clube Atlético Mineiro, Victor, defend a penalty kick in match against Tijuana during the 2013 Copa Libertadores, emphasizing the texts published in alternative environments to the mainstream media. In these chronicles is possible to notice the processes by which the player becomes a hero and a saint.

KEYWORDS: Football (soccer); Victor; goalkeeper; tragedy; chronicles (sport); hero.

O imaginário do futebol no Brasil foi construído a partir de um espectro amplo de manifestações sociais, culturais e artísticas. Um aspecto, porém, foi muito presente durante a popularização do futebol brasileiro, principalmente a partir dos anos 1930: as crônicas de jornais. Vários escritores se aventuraram nessa seara, sendo os mais notáveis Mário Filho e Nelson Rodrigues. Este foi responsável por expressões populares como “sobrenatural de Almeida” e “complexo de vira-lata”.

Essas crônicas tinham como ambição ultrapassar a descrição empírica do jogo, trazendo emoção ao leitor, traduzindo acontecimentos para uma forma literária. Boa parte delas contribuíram para o imaginário do futebol ao selecionar acontecimentos e lhes dar uma dimensão maior do que o simples acontecimento do jogo. De certa forma, as crônicas potencializam a expressão de que “futebol não é só um jogo”, tendo uma infinidade de realocações significativas no seio da sociedade.

Marcelino Rodrigues da Silva, ao analisar a obra de Mário Filho, afirma que esse cronista foi responsável por “mitos ‘inventados’”. Esses mitos seriam aqueles a que nos remetemos quando acompanhamos o futebol, de uma forma hiperbólica,

que ultrapassaria a dimensão pragmática do jogo. O cronista carioca construiu esses mitos sobretudo em suas crônicas esportivas em que transformava “qualquer jogo no maior, mais emocionante e mais esperado espetáculo dos últimos tempos” (SILVA, 2006, p. 112) e nós, espectadores, as reativávamos todas as vezes em que acompanhamos um jogo de futebol. Mario Filho, claro, foi responsável por uma construção simbólica colossal para o futebol brasileiro sendo, inclusive, homenageado no nome oficial do estádio mais famoso do Brasil, o Maracanã.

As crônicas são parte ativa da construção do imaginário futebolístico brasileiro. E é, também, a partir de crônicas que a emoção do futebol ultrapassa as quatro linhas e dominam um alcance simbólico na sociedade. Hoje, as crônicas não são mais exclusividade do *jornalismo tradicional* ou mesmo dos veículos tradicionais de imprensa, isto é, jornais, revistas e televisão. Há toda uma gama de crônicas espalhadas pela internet que são compartilhadas ativamente e intensamente entre usuários. Essas crônicas de ambiente alternativo – incorporadas ou não nos portais da grande imprensa – também fazem parte dessa construção do ambiente mítico do futebol e, possivelmente, irão também ser responsáveis pela simbologia construída em torno do futebol.

As crônicas, de ontem e de hoje, ajudaram a construir a identidade do time e da torcida, criaram rivalidades entre clubes, ajudando, inclusive, a determinar os *derbys* regionais e estaduais, criaram heróis e vilões, personificaram os futuros ídolos dos times, dando apelidos, narrando acontecimentos improváveis e repetindo a grandeza daquele jogador para a história do time. Elas são responsáveis, também, por reativar uma memória do passado no presente, realizando, muitas vezes, uma montagem em paralelo de um passado em relação ao presente, seja como superação de um trauma ou reafirmação de um azar ou louvor. Esses textos, pois, contribuem também para a memória coletiva dos clubes e dos torcedores.

Não se deve esquecer, também, do papel que cabe à mídia em todo esse processo. Marcelino Rodrigues da Silva, ao analisar nossa principal mídia, a televisão, destaca que ela

cria uma ilusão de realidade, pois o espectador julga estar vendo os acontecimentos *com seus próprios olhos*, quando na verdade os vê através do olho autoritário da câmera e do tratamento interpretativo de quem a dirige. Isso faz com que ele se torne mais passivo, menos co-participante, pois ele não sente que tem que reinterpretar a informação que recebe. (SILVA, 2003, p. 141)

Nesse sentido, se a mídia esportiva atual promove mais o distanciamento do espectador futebolístico, por outro lado as crônicas em ambientes alternativos procuram estabelecer uma aproximação subjetiva entre o jogo, o escritor e o leitor/espectador.

Este pequeno texto trata, obviamente, de crônica, mas não é um estudo sobre as crônicas de futebol de uma maneira abrangente, e sim de um momento pontual em que pulularam diversas crônicas para um mesmo acontecimento: a defesa de pênalti do goleiro Victor do Clube Atlético Mineiro, nas quartas-de-finais da Copa Libertadores da América 2013, aos quarenta e seis minutos do segundo tempo contra o time mexicano do Tijuana. O objetivo é perceber como as crônicas ainda hoje, escritas no calor do momento, especialmente as de espaços alternativos à grande imprensa, contribuem para a construção do atual imaginário do futebol. Essa construção, contudo, não se dá somente no presente, mas também criam uma ligação intensa com o passado. Aqui, é importante também salientar, essas crônicas em espaços alternativos abrem espaço para um discurso ainda mais confessional, isto é, ainda mais subjetivo-pessoal.

Esse trabalho tampouco surge apenas por ser uma oportunidade para analisar um evento recente e ainda fresco. Aprendi com as teorias feministas, especialmente com o trabalho de Jane Tompkins (2001), que, na medida do possível, deveríamos nos colocar no texto e expor a motivação dos trabalhos. A minha, um tanto quanto curiosa, é uma promessa. Acentuando o caráter de *milagre* na defesa de Victor, esse trabalho surge como pagamento de promessa caso o Atlético Mineiro ganhasse a Copa Libertadores 2013. Não é preciso informar aqui que sou atleticano.

EXPLICANDO A SITUAÇÃO

O Atlético Mineiro, instituição centenária, e um dos principais times da capital mineira disputava, depois de 13 anos, a Copa Libertadores. Diferente do rival Cruzeiro, o Atlético não ganhava nada considerado expressivo desde o Campeonato Brasileiro de 1971, ou seja, 42 anos, com time ainda treinado por Telê Santana. Nesse ínterim, o Cruzeiro havia se consagrado duas vezes campeão da Copa Libertadores, quatro da Copa do Brasil, e de um Campeonato Brasileiro. Ainda, para piorar a situação atleticana, o time viu, desde a considerada *fase mineirão* (o futebol na cidade a partir da abertura do Estádio Governador Magalhães Pinto), a reversão do domínio nos campeonatos estaduais, ganhando 20 deles ante 24 do rival.

Depois de um bom Campeonato Brasileiro em 2012, quando foi vice-campeão, o time chegou diretamente na fase de grupo da Copa Libertadores. O time do Atlético Mineiro contava com um grande número de jogadores que já tinham passado pela Seleção Brasileira como o campeão do mundo em 2002, Gilberto Silva e os zagueiros Réver e Leonardo Silva, o volante Josué, os atacantes Diego Tardelli e Jô, os laterais Marcos Rocha e Richarlyson, mas tinha como grande

destaque Ronaldinho Gaúcho, eleito duas vezes o melhor jogador de futebol do mundo. Contava ainda com a jovem revelação, Bernard. O goleiro era Victor, algumas vezes convocado para a seleção brasileira, que chegou ao clube em 2012, para sanar uma carência que existia no setor desde a saída de Diego Alves para o Almería em 2007.

O time começou a Copa Libertadores de modo bastante contundente. Ganhou os cinco primeiros jogos de forma indiscutível, até perder para o São Paulo na sexta rodada de grupos, o que não fez com que perdesse o primeiro lugar geral da competição, fato que o levaria a decidir sempre os jogos em Belo Horizonte. Nas oitavas-de-final, o Atlético encontrou novamente o São Paulo, ganhando o primeiro jogo na capital paulista por 2 x 1 e o segundo, em Belo Horizonte, por 4 x 1, três gols de Jô. Nessa altura do campeonato a torcida havia criado o *slogan*, “Caiu no Horto, tá Morto”, referência ao Estádio Independência, onde o Atlético mandava os seus jogos, e que se situa no bairro do Horto, em Belo Horizonte. O time mantinha ali não só uma enorme invencibilidade, mas também costumava construir placares elásticos com o que era chamado *show de bola*.

Nas quartas-de-final o time mineiro teve confronto com o time mexicano do Tijuana. O primeiro jogo, no México, terminou em 2 x 2, com Luan, do Atlético Mineiro, empatando o jogo nos minutos finais. Aquele placar dava uma boa vantagem ao primeiro campeão brasileiro, já que poderia empatar o jogo por 0 x 0 ou 1 x 1 para se classificar para a até então inédita semifinal de uma Copa Libertadores. O clima de euforia tomou conta dos torcedores, dirigentes do time e jogadores, já que no estádio Independência a vitória era tida como certa. Mas não só a vitória, era previsto ali um massacre do time mexicano. O presidente do time, Alexandre Kalil, viera a assumir que “contra o Tijuana nós entramos não foi de salto alto não, foi de salto alto triplo” (UOL, 2013).

No entanto, o que se viu foi o oposto. A torcida havia combinado ir ao jogo com a máscara do filme *Pânico* (1996), de Wes Craven, com o intuito de assustar os jogadores do Tijuana, sem se lembrar que, no México, o feriado mais popular é o *Dia De Los Muertos*. O time mexicano não se intimidou nem com as máscaras nem com o barulho da torcida, que ocupou totalmente o estádio, e nem com o favoritismo do Atlético naquele “caldeirão”. O Tijuana foi melhor que o Atlético no primeiro tempo, saindo inclusive na frente no placar, com gol de Riscos aos 25 minutos do primeiro tempo. Réver empatou no final do primeiro tempo, aos 40 minutos. O resultado daria a classificação ao time mineiro.

Na volta do intervalo, porém, o Atlético, que deveria ir ao campo apenas para administrar o resultado, parecia nervoso, avançando ao ataque e descuidando da defesa. O time tinha algumas chances, mas as mais claras eram, sem dúvida, do

Tijuana. O ponteiro do relógio ia dando voltas indicando que o final do jogo seria mesmo 1 x 1, mas o time, nervoso em campo, deixava a torcida apreensiva. Aos 46 minutos do segundo tempo Leonardo Silva comete pênalti em Aguilar, que teve origem em uma bola que havia sido lançada da defesa adversária que não encontrou nenhum interceptor alvinegro no meio do caminho.

Ali se desenhava, mais uma vez, o pesadelo atleticano. Com histórico de ir bem até determinada parte do campeonato e, depois, cair diante aos adversários, além de ser apelidado de “cavalo paraguaio” pelo comentarista Paulo Morsa na TV Bandeirantes, o time poderia perder a vaga no último lance do jogo. E num lance de pênalti que carregava o trauma da torcida desde 1977, quando foi vice-campeão brasileiro invicto, perdendo nas penalidades, para o São Paulo, em pleno Mineirão.

Depois da costumeira reclamação com o juiz pelo pênalti marcado, os jogadores do Atlético deram espaço na área para Riascos ajeitar a bola e cobrar o pênalti. Diante dele estava Victor, que jogava bem todo o campeonato, mas que, até ali, era coadjuvante, principalmente se o comparado a Ronaldinho Gaúcho ou Bernard. Riascos partiu para a bola e Victor, com o pé esquerdo, defendeu. O Independência, que estava em silêncio, esperando o pior, foi tomado por emoção. Era alegria e choro ao mesmo tempo, como é possível ver em vídeos e mais vídeos espalhados pela internet.

DESDOBRAMENTOS

Victor não era, antes do lance capital daquele jogo, nem herói nem vilão do time. A partir do momento em que a bola tocou o seu pé esquerdo, tornou-se destaque do time. Entretanto, não é só o lance que constrói esse heroísmo, é também a proliferação de discursos nos dias seguintes e, posteriormente, a história que será selecionada no imaginário do torcedor. Dessa forma, o destaque ganha ares de beatificação diante do que é considerado, pela torcida, como um milagre. A narrativa que se construiu após a defesa de Victor, para os atleticanos, deixou de ser um lance de jogo para ser adjetivado como milagre ou algo inimaginável, ou, mesmo, sonho, como acontece na crônica de Luiz Flávio Castro, do blog *Vencer! Vencer! Vencer!*, intitulada *Com o Pé Esquerdo*:

Naquele momento, sentado sozinho no sofá da sala, vivendo o auge da minha irritação com a apatia e o despreparo psicológico do time, comecei a pensar em como o futebol era previsível e em como eu estava certo em acreditar naquele gol contra a gente no fim. Riascos, o nosso carrasco, pegou a bola e botou na marca da cal. Victor, com toda a sua seriedade, aguardava sobre a linha do gol. O colombiano correu, bateu e Victor, *milagrosamente, mandou a bola para a linha lateral com a sua perna esquerda.*

Não corri, não pulei e nem gritei – só ouvia o desgraçado que narrava o jogo pela Sportv dizendo que o juiz havia mandado a cobrança voltar. “Não pode ser verdade, não pode ser verdade”. E era verdade: havíamos conseguido a classificação para as semifinais na marra! No último lance!

Ainda fiquei cerca de uma hora ali na sala, sentado, refletindo sobre o que havia se passado. Tudo aquilo que tínhamos havia acontecido: o bom jogo que vínhamos apresentando abalado pelo excesso de confiança, pela soberba, pela apatia e, em especial, por um adversário que mostrou muito empenho e muita dedicação e que rendeu mais do que a gente nas duas partidas.

(...)

Esta manhã o meu irmão, que esteve presente no estádio, mandou um e-mail contando que o sujeito que estava ao lado dele desmaiou quando o Victor defendeu aquele penal e só voltou a si depois de 5 minutos. Acho, *sinceramente, que eu ainda não acordei*. (CASTRO, 2013)

Aqui se destaca o uso do termo *milagre* para caracterizar a defesa e o momento que só poderia acontecer como em um sonho, nesse momento não *acordado*. A experiência do torcedor é colocada como um momento de reflexão diante do imponderável, como se o torcedor tivesse que *desmaiar* para acordar em uma outra realidade. Enfim, a defesa não fazia parte do provável e, sim, do improvável.

Esse tipo de relato é constante. É possível perceber semelhanças com o que coloca Xico Sá, em texto na Folha de São Paulo: “No milagre, o atleticano teve que torcer contra o vento. O redemoinho parou no pé do goleiro” (SÁ, 2013). Sá se refere aqui ao consagrado texto de Roberto Drummond que classificava dessa forma o atleticano: “Se houver uma camisa preta e branca pendurada no varal durante uma tempestade, o atleticano torce contra o vento” (DRUMMOND, 2014). O milagre é também reportado em crônica de Fred Melo Paiva, mas dessa vez sem utilizar o termo:

Daqui pra frente, quando alguém vier me dizer que somos poeira das estrelas, que o mundo nasceu no *big bang*, perguntarei: mas e aquele pênalti? E aquela perna esquerda aos 48 min do segundo tempo? Foi Deus, foi tudo Deus – a perna esquerda de Deus. Muito se fala de *la mano de Dios*, com a qual Maradona vingou a derrota para os ingleses nas Ilhas Malvinas. Na quinta-feira, nessa mítica quinta-feira, soubemos que Deus bate com as duas – sua perna esquerda salvou a pátria, nos redimiou de todas as nossas mazelas e devolveu à Massa a chance de chegar ao paraíso. *La canhota de Dios* veio finalmente fazer justiça, a justiça divina: ninguém nesse mundo merece mais que o atleticano. Eu não tenho mais dúvida: chegou a hora de resgatar os pontos acumulados no nosso plano de fidelidade. (PAIVA, 2013)

Aqui, por mais que não coloque a defesa como um milagre propriamente dito, Paiva entende o acontecimento no Independência como um ato de Deus. A única explicação plausível para aquela defesa, ainda mais para um atleticano, seria

uma justiça divina que estaria expurgando os azares que o time havia colecionado durante a sua história. De certa forma, também o de Cuca, o treinador, reconhecido como alguém que arma bons times, mas tem azar demais, é supersticioso, e que nunca conquista um campeonato.

Ademais, aqui se desenha melhor a imagem que vinha sendo construída do herói Victor. Esse processo acontece com a comparação com um dos maiores ídolos do futebol mundial, o argentino Diego Maradona, que ficara imortalizado com um gol de mão na Copa do Mundo de 1986, no México. Elevar o goleiro atleticano ao status de um dos maiores jogadores do mundo serve como estratégia para legitimar o lugar de herói atleticano.

Maradona tem uma igreja na Argentina com fiéis que o louvam como um Deus. Não é o caso de Victor, ao menos, ainda. Porém, se ele não é Deus, ao menos beatificado ele foi pela torcida e por aqueles amantes do futebol. Juca Kfourri, que antes havia definido o momento da defesa como “Impressionante! Inacreditável! Histórico!”, em uma crônica, intitulada de *Este maravilhoso jogo chamado futebol*, afirma:

E o que dizer de um goleiro que pega um pênalti, com o pé, aos 47 minutos do segundo tempo, como se viu ontem para classificar seu time para a mesma semifinal da Libertadores?

Dizer que Victor, do Galo, desde ontem, não é mais Victor, é São Victor.

São Victor do Galo de Belo Horizonte de Minas Gerais!

São Victor de um empate que valeu mais que mil vitórias. (KFOURI, 2013)

Victor, agora vertido em São Victor, depois da defesa tida como “milagrosa” passa a ser considerado o ídolo da conquista atleticana. Não são só cronistas-torcedores que destacam esse ponto, torcedores ajudam a construir essa beatificação, como é possível notar nessa reportagem: “Dois torcedores do Atlético-MG pararam em frente a uma placa de trânsito, em uma rodovia, e, com a bandeira do Galo nas mãos, se ajoelharam. Na placa, estava escrito: “PERÍMETRO URBANO – SÃO VITOR”. Trata-se de um distrito de Governador Valadares” (FUSCALDI, 2013).

CONSEQUÊNCIAS

Se o futebol tem uma analogia com a tragédia grega, como Nelson Rodrigues defendia, a defesa de Victor foi a catarse da torcida atleticana diante dos discursos construídos que, anteriormente, comparavam seus traumas a dramas. Como dito acima, os penais se constituíram em um trauma, nunca recalcado. Os relatos de momentos cruciais do Atlético em que os pênaltis são sinônimos de tragédia são extensos. Além do exemplo acima, a final do Brasileiro de 1977, poder-se-ia lem-

brar ainda, em evento mais recente, do pênalti não marcado, em cima de Tchô, contra o Botafogo, na Copa do Brasil de 2007, aos 47 minutos do segundo tempo.

Fica claro pelas crônicas citadas acima, em especial aquelas escritas por torcedores (Luiz Flávio Castro, Fred Melo Paiva), que a catarse pode ser realmente entendida como aquela originária do teatro grego. Para Aristóteles, a catarse deve ser entendida como “a purgação das paixões (essencialmente *terror e piedade*) no próprio momento de sua produção no espectador que se *identifica* com o herói trágico” (PAVIS, 2011, p. 40) e teria como função “a identificação a um ato de evacuação e de descarga afetiva; não se exclui daí que dela resulte uma ‘lavagem’ e uma purificação por regeneração do ego que percebe” (PAVIS, 2011, p. 40).

Um adento a ser feito: o terror diante do pênalti – sem trocadilho com o filme de Win Wenders, *O Medo do Goleiro diante do Pênalti* – aqui significa um pouco mais do que o medo de sair do campeonato. O que as crônicas acima constantemente retomam é esse passado de traumas que retorna quando o juiz aponta a marca da cal. Quando Victor defende o pênalti, é a exultação do estado de terror que é colocada, ou, em outras palavras, a defesa do pênalti, naquele momento, é uma construção da catarse coletiva. Essa catarse é potencializada por remeter a tantos outros momentos de terror, expressados através das crônicas, que a torcida atleticana retoma naquele momento.

Dessa forma, as crônicas ajudam a construir um quadro em que a torcida se identifica com o herói trágico e projeta nele alguém que poderia extinguir as tragédias anteriores. Em um momento de catarse, Victor se transforma naquele capaz de fazer um milagre – Luiz Flávio –, ganha o nome beatificado de São Victor – como constata Kfourri –, adentra em um caráter *mítico* – como Paiva descreve –, e se torna o herói que, provavelmente, será sempre invocado pelo torcedor, já que seria ele o responsável por curar tantas chagas da torcida.

Essas novas crônicas em espaços alternativos ajudam a perceber isso de uma forma ainda mais substancial do que as antigas crônicas. Dando um espaço mais destacado para a escrita subjetiva, elas conseguem sintetizar de forma potencializada essa relação com o herói trágico e com a catarse que o futebol é capaz de provocar. Quando Victor defende o pênalti, não é só mais uma questão de um lance de jogo, é toda uma narrativa trágica – especialmente em se tratando do Clube Atlético Mineiro – que é desvelada, sucumbindo às dores e redimindo os traumas dos torcedores.

José Miguel Wisnik faz três apontamentos, a respeito do tempo no futebol, que ajudam a explicar isso ainda mais. A primeira poder-se-ia relacionar à duração (*durée*) bergsoniana, pois se trata da possibilidade do tempo se distender, “como se durasse eternamente por um instante” (WISNIK, 2008, p. 111). Mas essa distensão

do tempo, *à la* Henri Bergson, traz ainda à memória a multiplicidade temporal que o futebol é capaz de provocar, isto é, esse tempo da duração que é, também, uma multiplicidade de tempos experimentados, que não passa inócuo ao torcedor.

Mas essa temporalidade experimentada do futebol remete ainda a outras formulações temporais. O futebol, de certa forma, segundo Wisnik, trabalharia também com uma temporalidade dúbia, entre “o que poderia ter sido e não foi” (WISNIK, 2008, p. 112). A torcida atleticana, como é possível conferir nas crônicas de Luiz Flávio Castro e Fred Melo Paiva, sempre teve que trabalhar na esfera do que poderia ter sido, porque há muito já não era. Sempre do lado dos vencidos, as crônicas ajudam a revelar “o gume duplo que separa vencidos e vencedores, dando a uns uma cota de corte no desejo e a outros a imantação mítica, mas provisória, da investidura num status superior, que se quer total” (WISNIK, 2008, p. 112).

Dessa vez, do lado dos vencedores, o torcedor atleticano imanta miticamente Victor, dando a ele um status superior, o de um Santo, um milagreiro, representante – ao menos por uma parte do corpo, a perna esquerda – da presença de Deus. O tempo experimentado intensamente, dentro de um contexto de catarse, coloca como possível a vitória: não mais o que poderia ter sido, mas aquilo que foi e só foi porque foi algo extraordinário e improvável.

Wisnik ainda afirma, a respeito do tempo, que “o instante traumático e a catástrofe súbita estão no horizonte do provável” (WISNIK, 2008, p. 113). O que parece diferir isso para os atleticanos, como é possível ver nas crônicas, sobretudo na de Luiz Flávio Castro, é que o instante traumático parece uma regra e não uma possibilidade e a possibilidade impossível aqui seria a defesa do pênalti. Essa defesa, pois, se configura ainda mais como uma reversão das expectativas, um paroxismo, não só porque o mais provável é a bola do pênalti ser convertida, mas porque seria a reversão de uma história pautada pelo azar e pela catástrofe.

Douglas Ceconello definiu assim a sua experiência de espectador diante daquele lance capital no jogo contra o Tijuana:

A trajetória do colombiano para bater o pênalti configurou-se numa FISSURA de tempo na história do Galo. Riascos correu para a bola em 1971, mas Victor lhe rebateu com um COICE em 2013. E este será daqueles lances que deixarão todas as versões e CORRUPTELAS possíveis, porque faz parte da muy restrita galeria de fatos que já nascem transformados em fábula. Se o Atlético vai levantar a Libertadores, e muita coisa leva a crer que deve ganhar, era preciso, além de mostrar um futebol cheio de LUZES, como vem acontecendo, encarar de frente sua recente coleção de decepções, de absurdos, de pedaços de títulos que ficaram pelo caminho. Era preciso apontar o dedo e prometer como fazem os ÉBRIOS diante do nada: Desta vez, não tem volta. Vai ser de qualquer jeito. (CECONELLO, 2013)

Aqui, podemos ver a noção temporal sendo reconstruída, o passado de decepções e absurdos sendo esquecidos em uma fissura temporal que sai de 1971 para 2013. E essa defesa, esse milagre, esse *acontecimento*, já nasce como fábula, como um caráter mítico encenado, tal qual o futebol, esse palco de paixões e que tem espaço, também, para a catarse.

CAMPEÃO

Quem acompanha futebol sabe que o Clube Atlético Mineiro se consagrou campeão da América no ano de 2013. Essa conquista, em si, já poderia ter sido o suficiente para criar heróis para a história do clube, mas Victor, a partir da defesa e dos discursos criados sobre ela, parece ganhar ainda mais destaque. Uma das melhores coisas a respeito do futebol é que apenas um lance é capaz de mudar toda a história de um time e de um jogador, podendo esse jogador se tornar tanto herói quanto vilão: como no lance da Copa de 1990, nesse processo duplo, quando o goleiro Higuita, da Colômbia, resolve sair da área com a bola nos pés até quase o meio de campo, perdendo a bola para Roger Milla, de Camarões, que faz o gol. Higuita – antes o goleiro herói e peculiar devido às suas peripécias – se torna vilão, Milla, herói.

Victor, pois, se torna herói – ou santo, se preferirem – não somente pela defesa – o empírico – mas pelos discursos construídos a partir dessas defesas – o simbólico. Dessa forma, é possível perceber que o imaginário futebolístico não é somente empírico, nem somente simbólico, mas uma relação de troca constante entre esses dois polos. As crônicas de ambiente alternativo, em especial, abrem espaço, ainda, para que o simbólico seja ainda mais carregado de subjetividade, uma subjetividade não inerente ao próprio exercício crítico, mas uma subjetividade assumida e desejada.

Um último adendo: a narração predileta da defesa de Victor foi a de Osvaldo Reis da Rádio Globo (REIS, 2014).³ Comentei com meus amigos que esse lance, para mim, era como um 11 de Setembro atleticano, não pela dimensão da tragédia ou da catástrofe humanitária que aconteceu em Nova York, mas pela repetição e espetacularização, em vídeo, do extraordinário. Curiosamente, eu estava na cidade do World Trade Center no dia do jogo. A imagem de Victor pulando para pegar a bola com o pé deve ter sido repetida infinitas vezes pelos atleticanos (como aconteceu comigo) acompanhada pelos gritos de “defendeu Victor! Defendeu Victor! Defendeu Victor! É gol! É gol! É gol do galo! Victor! Victor! Victor! Faz o gol da classificação! O Victor defendeu o pênalti! É gol!”. Esses recursos audiovisuais da internet ajudam ainda mais a construir esse imaginário e essa memória do torcedor.

3 Chego a essa conclusão por essa narração ter o maior número de acessos e visualizações no Youtube.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, Luiz Flávio. *Com o pé esquerdo*. Disponível em: <<http://galoforte.blogspot.com.br/2013/05/com-o-pe-esquerdo.html>>. Acesso em: 20 de set 2013.
- CECONELLO, Douglas. *À meia-noite, no Horto*. Disponível em: <<http://impedimento.org/a-meia-noite-no-horto/>>. Acesso em: 24 de set 2013.
- DRUMMOND, Roberto. *Se houver uma camisa preta e branca...* Disponível em: <<http://softwarelivre.org/atletico/se-houver-uma-camisa-preta-e-branca...-texto-de-roberto-drummond>> Acesso em: 14 jul. 2014.
- FUSCALDI, Rodrigo. *‘São Vi(c)tor’ recebe mais homenagens*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/blog-do-futebol-mineiro/2013/06/05/sao-victor-recebe-mais-homenagens/>>. Acesso em: 22 de set 2013.
- KFOURI, Juca. *Este maravilhoso jogo chamado futebol*. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2013/05/este-maravilhoso-jogo-chamado-futebol/>>. Acesso em: 22 de set 2013.
- PAIVA, Fred Melo. *La canhota de Dios*. Disponível em: <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/colunistas/fred-melo-paiva/2013/06/01/coluna_fred_melo_paiva,252333/la-canhota-de-dios.shtml>. Acesso em: 24 de set 2013.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.
- REIS, Osvaldo. *Emoção total na defesa de Victor contra o Tijuana – Atlético 1 x 1 Tijuana*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ixriU8RFtxk>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- SÁ, Xico. *Carta ao Dadá Maravilha*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/xicosa/2013/06/1288135-carta-ao-dada-maravilha.shtml>>. Acesso em: 19 de set 2013.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Ao vivo e a cores: A experiência midiática do esporte*. In: *Duc in Altum* (Muriaé), Muriaé – MG, v. 3, p. 133-143, 2003.
- _____. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- TOMPKINS, Jane. *Me and my shadow*. In: LEITCH, Vicent B. (Org.) *The Norton anthology of theory and criticism*. Nova Iorque: Norton, 2001. p. 2129-2142.
- UOL. *Kalil admite “salto alto” contra Tijuana em momento dramático na Libertadores*. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2013/08/13/kalil-admite-salto-alto-contr-tijuana-em-momento-dramatico-na-libertadores.htm>>. Acesso em: 22 de Set 2013.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 25.09.2013

Aceito em 25.11.2013